

# A BARCA DE S. PEDRO,

PERIODICO POLITICO E TALVEZ DA OPPOSICÃO.

*Deus meumque jus!*

Este Periodico pertence á nova **Sociedade Imperial Pernambucana**, e tem por objecto sustentar os principios liberaes profissionais pelo partido nacional pratico, cujos principios são: — Monarchia — Integridade do Imperio — Constituição — e Reformas na administração geral e provincial pelas mezas que a mesma Constituição offerece.

NUMERO 44.

Sexta-feira 11 de Agosto

4. SERIE.

## A Indifferença em materias de moralidade.

Um dos maiores symptomas de dissoluto de qualquer sociedade humana é quando as acções mais reprovadas em moral passão desapercibidas, ou ninguem se importa com ellas, como actos indifferentes á vida civil e politica de cada cidadão. Quando qualquer homem diz, tratando-se de um crime ou de algum acto immoral: o que me importa? este egoismo revela um mal na sociedade, e é que a probidade e a honra desaparecerão delles. Deste mal padece o Brasil ha muitos annos, é molestia chronica, que data desde o estabelecimento da Côrte no Rio de Janeiro. O mal cresceu com a Independencia, fortificou-se com a monarquia, e durante o reinado do Sr. D. Pedro 2.<sup>o</sup> tem feito progressos espantosos. Quereis saber a origem? parte da Côrte, e dali se dissemina pelas provincias como a peste, de tal sorte que o paiz está contaminado de immoralidade, e já ninguem o pode salvar senão a Providencia divina.

Nós vimos e conhecemos no Rio de Janeiro empregados publicos, accusados pela opinião geral de escandaloso peculato; vimo-os levados ao tribunal do Jury, e absolvidos apesar das provas mais evidentes do roubo, e um destes homens hombrar dias depois com aquelles mesmos, que o haviam mandado processar, porque era primo da mulher do Regente!! vimo a outro tão escandaloso como o primeiro, accusado, e tambem absolvido pelo Jury, e ainda mais criminoso porque no roubo publico envolveo tambem a muitos particulares, como fez aqui o ex Thesoureiro provincial; e este homem, depois de absolvido com geral escandalo, porque nem decaia tinha a não ser as lagrimas de seu filho, foi proposto para um emprego publico porque era pai do redactor do *Brasil!!!* vimo absolvidos autores de grandes roubos, porque são parentes, protegidos, ou afilhados de taes e taes individuos. Vimo finalmente declarado por unanimidade em um Jury de pronuncia, que não havia *criminosidade* no seguinte facto: um assassinato alveoso com vantagem as 4 horas da tarde na praça da Carioca; só porque o assassino era filho do Regente Lima e Silva!!

Vimo ainda mais: um magistrado accusou publicamente sua mulher de prostituição, e arrastou-a até um convento! dias depois foi elle mesmo buscado, e appareceu com ella em um baile, onde havia a gente mais grata do Rio de Janeiro! e ninguem se importou com isto. Esse commercio illicito e escandaloso não faz perder a uma dama nem o seu posto de honra nem

a sua importancia, se a tem por seu marido ou por seus parentes; uma conhecemos nós, cuja importancia anda a par do seu escandalo. E o que se segue dali? é que ninguem tem honra, porque á vista destes factos a calumnia mancha logo a mais virtuosa, e todos accedidos, vindo a ficar postergada a honestidade e victoriosa a prostituição. Senhoras conhecemos nós muito honestas, que nos dizem: por nós já não temos outro remedio, nem tememos a calumnia, porem esse contacto forçado na sociedade nos mata por causa de nossas filhas; o exemplo, a chronica escandalosa dos bailes e partidas, os mexericos, tudo isto são aos ouvidos de uma menina, e são ellas as primeiras a saber de tudo quanto se passa, e o veneno se inocula lentamente nesses corações virginaes.

Por esse lado, graças a Deus, não está a nossa moralidade á par da do Rio de Janeiro, nem com ella se parece; ainda temos muito recato e modestia entre as familias; porem pelo lado dos honens e dos crimes, se não estamos mais adiantados do que a Côrte, lhe vamos no encalço honradamente, e até já disputamos a preferencia. Um empregado publico tinha furtado todas as escripturinhas de prata de varias repartições, com que estava em contacto; todo o mundo sabia disto, mas era genro do thesoureiro de uma das repartições, e ninguem se atrevia a accusal-o; e o que resultou dali? é que o proprio thesoureiro está hoje preso e comprometido em um grande roubo publico. O Chefe da mesma repartição ostentava um luxo asiatico; sabia-se das suas transacções fraudulentas desde muitos annos, ninguem ignorava, que existia um alcaace nos cofres, mas esse homem era obsequioso, dava jantares, tirava o seu chapéo a todos sem distincção, fazia offerecimentos, e finalmente era *muito bom moço*; e o que aconteceu? muitas familias chorão hoje a sua desgraça; este bom moço feichou a sua carreira arruinando a todos aquelles que não se importavam com a sua reconhecida improbidade.

Muitos empregados nas repartições fiscaes entrarão para ellas pobres e róticos, hoje arrotão contos de reis, vivem com grande aparato, edificio palacetes, dão dinheiro a juro, affrontão a moralidade publica, ostentão a sua improbidade, e são recebidos com preferencia nos altos círculos, porque ninguem se importa que Fulano ou Sicrano seja um ladrão. Homens ly conhecidosmente introductores e passadores de cedulas falsas, que vivem em sociedade com todas as honras da honestidade mais illibada. Outros existem não só ladrões como assassinos, e estes são os mais estimados e favorecidos: é um título de honra o reunir ambas as proffissões. Um Official, commandante

de uma companhia, tem uma cavalliarice sua no pé das coxias do seu corpo, do qual elle mesmo é o principal fornecedor; negocia e trafica publicamente em objectos do serviço, dando a prova mais evidente do relaxamento, e da indisciplina, e todos os Commandantes das armas tolerão e consentem scnelhante escandalo, porque o Official é muito bom moço, do que por certo não duvidamos. Este escandalo já se repetiu até com o proprio corpo de policia, cujo Commandante já foi fornecedor por contracto!! Uma Sociedade, onde isto tudo se pratica impunemente, ameaça completa dissolução.

Se vamos a um baile temos de emparelliar com o Sr. Fulano, que tem tantas mortes, caloteou os seus credores, vive á custa da sua *boa fama* e das suas bravatas, e é demais a mais protegido do Sr. Sicrano, e do Senador tal, e do Sr. Dr. qual, e assim por diante. Um assassino de muitas mortes passeia impunemente no theatro de suas atrocidades, porque tem a protecção do Sr. Fulano de tal, que é muito bom moço, e protesta que o seu afilhado não matará mais. Se prenderdes a um desses assassinos, não lhe podereis formar um processo, porque não haverá uma só testemunha, que queira expor-se á uma morte inevitavel, porque o assassino será absolvido ou fugirá da Cadeia como José Severino Cavalcanti, Sebastião Antonio do Rego Barros, e outros muitos, de que é testemunha toda esta capital. A consequencia de tudo isto é a impunidade, e em resultado teremos a dissolução completa do paiz, porque o mal é geral, e irremediavel. Quando a immoralidade neutralisa todas as virtudes sociaes, quando a vergonha e o pudor desaparecem para dar calada no mais impudente descaçamento, a sociedade não é mais do que um theatro, onde se representão os mais estranhos papeis: depois de uma tragedia, em que todos os crimes figurão decorados pela púrpura ou pelos atavios dos grandes potentados, apparecem as lograções, os furtos subtile, as especulações e tratantices de quanto racioneiro existe nas 3 partes do mundo. Este quadro é horroroso, mas é a verdade pura!!

Entretanto nós, que tanto temos escripto sobre reformas, temiamos até certo ponto cuitar na verdadeira questião, isto é, na reforma dos nossos costumes, e de toda a nossa vida quer publica quer particular. Declaro francamente que de todas as mudanças, é esta a mais difficil senão impossivel, e que só uma subversão completa em toda a sociedade brasileira pode trazer remedio a tantos males. A impunidade nos mata, a indiferença em materias de moralidade nos anniquilla, e nos peontra como feridos de um raio; quem nos salvará? Existe um grande vicio de conformação na sociedade brasileira, existe alguma coisa mais, e é a convicção profunda de que não possuímos um só elemento, sobre que possamos lançar nenhuma esperanza de melhoramento pelos meios ordinarios. Uma lei, duas ou vinte nada farão senão augmentar os cahos da nossa já confusa e ruínosa legislação; medidas paliativas só ser em de acabar com o ultimo resto de boa fé, que ainda existe no povo. Em abono da verdade a corrupção vem de cima para baixo, ella parte dos homens, que por nossa infelicidade tem guido os destinos do paiz.

Necessitamos portanto de uma reorganisação completa em todos os ramos da publica administração; necessitamos de grande reforma em todos os estabelecimentos de instrucção, desde as escolas primarias até as Academias; necessitamos mais que tudo de homens que de cousas, de muita intelligencia e de muita probidade. Que é dos homens? Seremos por ventura mais infelizes que todos os outros povos do

continente americano? Não estraguemos pelo amor de Deus os ultimos restos de moralidade no povo, aproveitemos a boa indole dos brasileiros, façamos alguma coisa em seu favor, antes que a desesperação os leve por caminhos tortuosos até o abysmo cavado por nossas imprudencias, por nossos desvarios, por nossa ignorancia, e sobre tudo por nossos proprios vicios e desregramentos. Appliquemos ao Brasil o que disse Lameiras do genero humano: « a humanidade não é o que Deus quiz que ella fosse, porque tem-se desviado de suas verdadeiras sendas; convem voltar á ellas ».

### A Colonisação será só effeito da civilisação ?

Temos um immenso trabalho feito sobre a colonisação que convém ao Brasil, e pretendemos extractar delle alguns artigos para os publicarmos na *Barrica*, ainda que não temos esperanza de melhoramento, cheios como estamos de prejuizos ácerca da nossa propria população. Antes porém de entrarmos no systema de colonisação interna, como nos persuadimos que convém ao Brasil, responderemos á pergunta, que forma a nossa epigrapha.

Suppondo que o genero humano partiu de um só homem e de uma só mulher, collocados em um ponto qualquer do nosso globo, para que toda a sua superficie se ache hoje povoada, é mister que a transmigração de milhares de familias se tenha cruzado em todos os sentidos, ou que o mundo tenha sido o theatro de uma constante colonisação desde que houve a primeira familia. A colonisação, portanto, não emana de um estado de civilisação muito adiantado, como parece á muita gente; remonta á origem das sociedades: ella povoou o mundo.

A teuda do patriarcha mandou ao longe seus filhos mais moços, fundadores de novas sociedades nas regiões longinquoas. A's vezes esses fugitivos, que iam longe de sua patria buscar um asylo, terra que arrotear em clima benefico, erão, como Caino, marcados com o stigma da reprobção, e victimas da aversão, que haviam inspirado á suas familias. Renovavam assim sua existencia, começavam nova vida, e expiavam, pelas fadigas e inquietações inherentes ao primeiro esboço de uma coinnia, os agravos que lhes podia lançar em resto a antiga sociedade de que erão membros.

Muitas vezes o espirito de aventuras, o tedio de uma sujeição mihi cega ás vontades de um chefe imperioso, a difficuldade de arrancar de um solo esgotado productos sufficientes para nutrir uma população sempre crescente, emfim a esperanza de melhor porvir em climas desconhecidos, impellerão nossas inteiras a expatriar-se. Foi assim que a Asia fecunda refluin sobre a Europa deserta. Dos cumes do Indo e do Caucasus descerão estas torrentes de homens armados, que, longo tempo antes da época historica, colonisarão a Grecia, e plantarão suas barracas no meio das florestas germanicas.

De ambas as extremidades do mundo se cruzarão essas extraordinarias e gigantescas transmigrações; as barcas dos Scandinavos singrarão para o Oriente, os juncos dos Indios se dirigirão para o norte. Os Indo-Chineses e os Tartaros avançarão, atravez dos desertos, para a parte da Turquia europea e asiatica; e esses homens pacientes, que vão consultar as recordações filosoficas para se illustrarem sobre a origem dos povos, descobrirão em todas as linguas do mundo provas incontestaveis dessa immensa fusão, dessa mistura universal. (Re-

vista nacional e estrangeira, 1839. Econ. politica. Dos diferentes systemas de colonisação, &c.)

**Pernambuco 1.º de Agosto de 1848.**

**EXTERIOR.**

Estão-se verificando todas as nossas predições a respeito da ultima revolução franceza; nós discimos em diversas artigos desta folha, que a revolução não podia virar, nem a republica progredir, porque viamos que a parte *pensante* da nação não tinha tido a menor ingerencia na revolução, nem na declaração da republica, que foi gerada pela explosão de um arcabuz na camara dos deputados. Um só tiro não podia produzir tamanha revolução nas idéas, nos hábitos e costumes, nas instituições, nos interesses publicos, e muito menos na intelligencia de todo o paiz.

Dissimos igualmente que a republica não podia assegurar-se sendo por meio do *terror*, mas que o século, em que vivemos, repelia a idéa desses assassinatos em massa, ou da anarquia feróz das ultimas classes da sociedade; entretanto a França já não poderá evitar a guerra civil por curta e passageira que seja, para poder reunir-se então e fulminar os princípios, que a não levando para a época de 1792 e 1793. Todos os homens eminentes, que tinham tomado parte na revolução de julho contra o ramo mais velho dos Bourbons, recuaram diante da perspectiva de uma subversão total das instituições do paiz; e o exercito e a marinha ficaram neutras na luta travada entre os burguezes de Paris e a nova dynastia de Luiz Felipe.

Uma republica unitaria e indivisivel para 36 milhões de habitantes é uma quimera, que ninguém pôde conceber nem avaliar em seus resultados. A civilisação nas classes medias da França repelle, e repellirá sempre todas as funestas consequencias do suffragio universal. Quando a parte mais intelligente de um grande povo, surpreendida por graves transtornos, se vê sujeita á direcção do maior numero, procura logo ressumir os seus direitos, repellindo a força bruta: é a intelligencia que reclama os seus foros, e busca elevar-se sobre o instincto das multidões desentreadas.

Quem diria que no seio dessa mesma assemblea nacional, que com tanto enthusiasmo proclamou a republica de fevereiro, existia occulto o veneno, que a havia de matar? quem diria que este povo de Paris, que destruiu a realza em duas horas, havia em menos de quatro mezes de appellar para as câmaras do throno, que queimára na praça publica como um sacrificio expiatorio? Já não é o rei das barricadas, mas o neto de Carlos X, que se proclama; já não é a realza, que expôrou em julho de 1850, mas o Imperio com todas as suas recordações, é o sobrinho de Napoleão, duas vezes mal succedido em suas ambiciosas tentativas! quem o diria?

A assemblea nacional tendo um novo insulto, como o de 15 de maio ultimo, tomou a resolução de prohibir todas as reuniões de gente armada, assim como os ajuntamentos desarmados, que podessem perturbar a tranquillidade publica. O decreto da assemblea, no momento de ser affixado nos lugares publicos, foi rito pelo povo, e grandes reuniões apparecerão como por acinte, e se conservarão até alta noite.

O governo ia obrando com energia apoiado por uma força de 550 mil homens; mas esta ostentação de tão grande força armada era mais uma prova da impopularidade do governo e da assemblea. Tinha sido eleitos deputados por Paris os seguintes cidadãos: Causidière ex chefe de policia, Moreau, Goudchaux, gene-

ral Changarnier, Thiers, Lerroux, Victor Hugo, Luiz Napoleão, Lagrange, Boissel, e Proudhon. Os nomes de Causidière, Lerroux, e de Luiz Napoleão, foram recebidos com uma bateria de applausos, e o do ultimo arruou de todas as pessoas presentes um grito de grande enthusiasmo.

Ha symptomas de geral descontentamento; o sobrinho de Napoleão, e filho do ex-rei da Hollanda, tinha sido eleito deputado por tres departamentos. O exaltamento dos camponezes de Gemoac era tal no acto das eleições, que levavão na frente dos chapcos o nome de Luiz Napoleão, e alguns tinham mais — *viva o Imperador, abaixo a republica!* — No dia 11 de junho o povo apinhou-se na praça da Concordia para ver a chegada de Luiz Napoleão, e foi necessario que o governo mandasse dissolver os ajuntamentos á porta de bayoneta, levando de arrojio o povo, que diante da tropa gritava — *viva o Imperador, viva Luiz Napoleão!* Por toda a parte as reuniões erão numerosas, e sempre os mesmos vivas repetidos ao novo pretendente; de sorte que pode-se asseverar que um novo throno se ergue sobre o tumulo do grande homem: é o cadaver de Napoleão galvanizado.

No dia 12 repetião-se as reuniões, e o governo tomou medidas preventivas enchiendo de tropas a praça da Concordia, e guardando todas as avenidas do palacio da camara dos deputados. A guarda nacional carregou de novo sobre o povo, que ao retirar-se, sem fazer a menor resistencia, gritava: *viva Luiz Napoleão! viva Henrique F!* Esta obstinação do povo tem agora outro caracter: é a reflexão que obra com prudencia; como resultado de profunda meditação; já não é o instincto bratal de uma multidão sem freio, mas a consciencia, que lhe brada do imo do peito: a republica não convem ao estado de civilisação da França! A commissão executiva, vendo perclida a sua causa, propoz á assemblea nacional a ratificação do banimento da familia Bonaparte, no qual se comprehendia Luiz Napoleão, em virtude da lei de 1852. Imartino foi em pessoa sustentar a sua proposta na camara, o seu discurso foi breve e cheio de ambages e rodeios, porque o ponto onde ia ferir era muito delicado. A camara porém, depois de uma discussão calorosa, regeitou a proposta do governo por uma grande maioria; a assemblea decretou a admisso de Luiz Napoleão como representante do povo, com tanto que provasse ser cidadão francez.

Cria-se que esta condição occasionaria algum debate na assemblea, visto que Luiz Napoleão se havia naturalizado cidadão suizo, mas ninguém davidava de que elle tomasse assento como deputado. O governo estava seriamente comprometido por este voto, e esperava-se que resignasse em vista do pronunciamento da camara; todos os antigos deputados votarão pela admisso de Luiz Napoleão, cuja entrada em França occasionaria de certo a guerra civil, porque o seu partido era immenso, e o do duque de Bordeaux tambem era poderoso. Os republicanos verdadeiros já estavam reduzidos á uma insignificante menoria. No departamento dos Ardeunes appareceu uma proclamação, chamando Luiz Napoleão ao throno da França; esta proclamação diz mais do que nós poderíamos dizer: eis-a.

FRANCESES — Depois de haver expellido a tyrannia, que nos enganou em julho, nós nos havemos deixado outra vez illudir por uma tyrannia mais hypocrita e mais infame; por isso que se occulta debaixo do véo da democracia. Em lugar de um rei, que nos roubova, temos muitos que se enriqueceem á nossa custa. Homens dos Ardeunes, corraes ás armas; quebreis as nossas cadeias; demos o exemplo, que a França se apressará a seguir-o; colloquemos á nossa frente o uni-

co homem, que é digno de nós. Colloquemos aqui Luiz Napoleão.

À VISTA O DIBERADOR

As nossas previsões estão-se realisando; a republica durará menos tempo do que pensavamos; um novo throno se erguerá por certo sobre as ruínas da soberania das *Musas*. Será permanente e solido, ou durará como o de Napoleão e de Luiz Philippe? não sabemos, nem poderemos aventurar juizo sobre cousas, que ainda tem de acontecer, porque o mundo vai de mal para peor. (Diario Novo.)

INTERIOR.

Rio de Janeiro.

A Divina Providencia ouviu as preces do Povo Brasileiro, quiz enxugar-lhe as lagrimas, e no dia 19 do corrente o mimoseou com um Principe, que com toda a felicidade deu á luz SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ.

Congratulemo-nos todos com o nosso AUGUSTO MONARCHA, que vê hoje preenchido o vacuo, que deixara S. A. I. o Senhor D. Affonso, o qual no Céu à frente do côro dos Anjos, cheio de innocencia e de amor, implora incessante ao TODO PODEROSO, para que derrame suas bençãos sobre seu Pai, sua Patria, e seus patricios!... em quanto já tem na terra o IRMÃO recém-nascido para o substituir na alta missão de elevar o nosso Imperio ao maior auge de prosperidade e grandeza, continuando a serie da Dynastia, escolhida e adorada pelos Brasileiros. Salve o dia 19 de julho! Salve formoso, brasileiro dia!...

(Do Contemporaneo.)

A Interpellação do Sr., Pedro Chaves,

Este illustre magistrado dirigio ao governo a seguinte interpellação: 1.º Se o governo, á vista das noticias ultimamente vindas do Rio Grande do Sul, nada recebe pela tranquillidade daquella provincia? 2.º Quaes as providencias que tem tomado para prevenir os movimentos, que parecc ali se preparão contra a segurança da provincia?

Na segunda feira 17 do corrente teve lugar a interpellação, excitando um alto interesse, porque julgava o bom senso o mais commum, que quando um politico da prestumpção de S. S.ª, que ostenta-se estadista de altas dimensões, abalança-se a vir a tribuna denunciar factos, que tendem a nada menos do que a comprometter a paz interna e externa do paiz, vem sem duvida armado de documentos solemnes, que produzem a convicção no animo o mais indocil. Para isso vimos nesse dia as galerias cheias de expectadores, as tribunas occupadas por diplomatas; e até um dos mais fogozos chefes dos nossos adversarios, o Sr. Carneiro Leão, abandonou a arena do senado, e veio assistir á scena estrondosa que se esperava, em que era protagonista o ex-presidente do Parahiba, o modelo esfogueado dos presidentes *ordeiros*. Porém toda a curiosidade foi baldada, e o desapontamento foi completo. Começou S. S.ª assallando boatos colhidos na pro-

vincia do Rio Grande do Sul, e de que só elle teve noticia, de estar Netto entabulando negociações com Orjbo para uma sublevação da provincia, tendo por auxiliar uma classe que no Brasil existe, e sobre a qual, em casos taes devera fallar-se sempre com prudente reserva.

O Sr. Ferraz, orviado o interpellador fallar nessa classe, como servindo de instrumento para a desordem, mandou uma moção, para que a materia se tratasse em sessão secreta. O illustre Deputado fundamentou-a no perigo que havia em espulhar boatos que podião produzir um pânico, que influísse no commercio, como já aconteceu com as noticias falsas de Pernambuco, que occasionarão uma haixa de 4 por cento nos nossos fundos, e repentinamente, dentro de poucas horas. Mas S. E.ª, o Sr. ministro da justiça, a quem cabia responder á interpellação, declarou que não julgavã conveniente a moção, por quanto havendo inconveniente, já não se podia entrar pelo estado da questão, e maiores seriam os que resultarião do segredo imposto á ella depois de começada, e acrescentou que o Governo desejava, attentas as circumstancias, que a discussão fosse publica, não só para que a Camera ficasse inteirada de tudo, como para esclarecer ao paiz; — e á vista disso pediu ao autor da moção que a retirasse, o que effectou-se. E respondendo ao Sr. Pedro Chaves disse em phrase concisa, que quanto ao primeiro ponto apresentava o relatório do Presidente da Provincia de 20 de julho proximo passado, em que tratando da tranquillidade publica da mesma, assim se exprimeo. — *Nada consta a esta presidencia que possa dar receios de que seja alterada a tranquillidade publica.*

Que além disso em officio da mesma data declara o presidente ao governo positivamente: — *Que a provincia ficava em perfeita tranquillidade.* E que por tanto não tendo outras noticias, affirmava em vista d'aquelles documentos, que nada havia a receiar-se pela paz publica daquella provincia, sendo esses boatos, de que tracta o interpellador, de data anterior a estes documentos — não obstante, acrescentou o ministro, para manter a ordem publica em todas as partes do Imperio, e especialmente naquella provincia, o governo tem empregado, e continuará a empregar todos os seus esforços. Eis em que parou a esperancosa interpellação, em que disputo a primazia a indiserção e ignorancia, tendo por unico alvo, segundo a versão mais razoavel, crear embarcações a administração, e tambem aproveitar o ensejo para declamar contra o Sr. Galvão, de quem não se sabe porque o interpellador tem não entranhavel, que evapora na tribuna, afrontando todas as conveniencias. Igualmente ha opiniões, que tem ares de bem provavcis, que S. S. vendo o descoroamento do seu partido, entendeu util provocar nova revolta analogã á de 1835, de que S. S. foi o primeiro provocador, segundo é geralmente accusado, porque hoje lança mão de meios ignes aos que outrora empregou para inclitar a primeira. — Porém hoje os resultados serão diversos: o Brasil não se acha em circumstancias semelhantes ás de 35, e em balde procura a opposição esse meio gasto e sedição. —

A conclusão das interpellações foi a mais triste e deploravel para seu autor; acabou desapontado, confundido, e supplantado. Estava mesmo anuquiillado, e visivelmente abalado! Suas idéas forão de tal modo repellidoas, que a materia das interpellações desappareceu, e só vimos ali o reprehensivel desajo de accusar ao Sr. Galvão, mas foi tão infeliz que acabou tão corrido e humilhado!...

(Do Contemporaneo)